



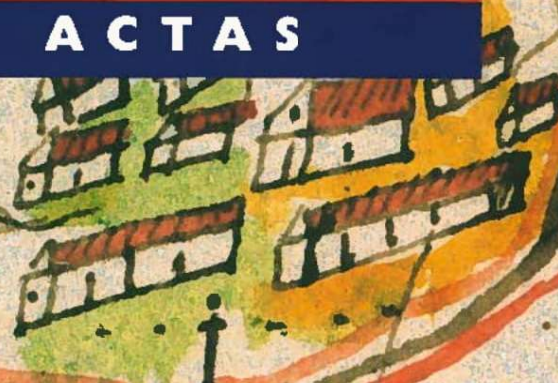
W. de S. Graça

**COLÓQUIO
INTERNACIONAL**

Universo Urbanístico Português

1415-1822

ACTAS



L. Abreu



COMISSÃO NACIONAL
PARA AS COMEMORAÇÕES
DOS DESCOBRIMENTOS
PORTUGUESES

TÍTULO

Actas do Colóquio Internacional
Universo Urbanístico Português 1415-1822

COORDENADORES

Walter Rossa, Renata Araujo e Hélder Carita

EDIÇÃO INTEGRADA NO PROJECTO

A CIDADE COMO CIVILIZAÇÃO:
UNIVERSO URBANÍSTICO PORTUGUÊS 1415-1822

COORDENAÇÃO EDITORIAL E REVISÃO

Fernanda Abreu

DESIGN (CAPA)

TVM designers

DESIGN (MILO)

Patrícia Proença

© Comissão Nacional para as Comemorações
dos Descobrimentos Portugueses

PAGINAÇÃO E PRÉ-IMPRESSÃO

Textype

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Tipografia Lousanense, L.^{da}

1.^a edição: Março de 2001

ISBN 972-787-033-3

Depósito legal n.º 163 121/01

ACTAS DO COLÓQUIO INTERNACIONAL
UNIVERSO URBANÍSTICO PORTUGUÊS
1415-1822

Actas do Colóquio Internacional Universo Urbanístico
Português, 1415-1822 / coordenação de Renata
Araujo, Hélder Carita e Walter Rossa. – Lisboa:
Comissão Nacional para as Comemorações dos
Descobrimentos Portugueses, 2001. – 936p; il;
30 cm. – ISBN-972-787-033-3

Discurso de abertura do comissário do Projecto

Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra
Sr. Comissário-Geral para as Comemorações
dos Descobrimentos Portugueses
Sr. Governador Civil do Distrito de Coimbra
Sr.^a Vereadora da Cultura da Câmara Municipal
de Coimbra
Caros colegas e amigos

É com indisfarçável emoção que me dirijo a vós neste primeiro momento protocolar do Projecto A Cidade como Civilização: Universo Urbanístico Português 1415-1822, que a comunidade científica aqui presente e a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses há mais de dois anos têm vindo a desenvolver. Não por me sentir chegado a bom porto, mas pelo contrário: por entender que finalmente navegamos no mar largo de uma disciplina essencial para o *corpus* cultural que nos une. É assim que damos início à primeira reunião magna de investigadores dedicados à problemática do espaço e rede urbanas que, desde o Condado Portucalense até aos Andes e ao rio das Pérolas, essa enorme comunidade mestiça convergente na portugalidade ergue, transforma e dinamiza na História e no presente. De facto, segundo o seu urbanismo e a urbanística que a este é subjacente, as cidades mais não são que o plasmar na contemporaneidade da História que assim, paradoxalmente, se lhes apresenta em antítese.

Não faz sentido aqui repetir o que na essência justifica este projecto. Fizemo-lo repetidamente em textos de divulgação e em reuniões de promoção e preparação e de outra forma o acabámos de ouvir nas palavras do Sr. Comissário-Geral. É, contudo, sensato contextualizar este evento dentro do projecto em que se insere, sendo nessa simples realidade que reside a sua primordial importância. Estamos com efeito perante uma iniciativa que nem é isolada nem é rotineira. Congratulemo-nos com essa

primeira realidade, sonhemos maduramente com a segunda.

Cronológica e metodologicamente, o desenho deste projecto obedece a três momentos essenciais: 1 – o recenseamento e divulgação da informação e conhecimento disponíveis; 2 – a catalisação, por essa via, da construção e disponibilização de mais conhecimento; 3 – a retribuição à comunidade do investimento por ela feito sob a forma daquilo que assim se foi apurando sobre um dos aspectos fundamentais da sua identidade. O primeiro material e esforço de divulgação, as reuniões preliminares, o ficheiro de participantes e a *Colectânea de Estudos...* foram a essência daquele primeiro momento, ao qual ainda viremos a acrescentar itens como a *Bibliografia...*, que agora aguarda o vosso contributo antes de passar à fase de edição; o cerne do segundo será esta reunião; a publicação das Actas... e a exposição... que com os resultados desta semana de trabalho produziremos, o terceiro.

A esse fraccionamento operacional foi necessário sobrepor um outro: o da periodização. Por razões polémicas, mas institucional e operativamente óbvias, a continuação do processo de alargamento das fronteiras portuguesas para o além-mar – a conquista de Ceuta em 1415 – e a primeira grande (porque não revolucionária) alteração estrutural do sistema político do universo português – a independência do Brasil em 1822 – constituíram-se como balizas, mas nunca como barreiras, cronológicas do trabalho a desenvolver. Com efeito, a ideia desde logo privilegiou a inclusão dos mais recentes desenvolvimentos da historiografia medieval afim, matéria crucial para a solução de continuidade do beco metodológico de uma historiografia do urbanismo, em boa hora e por razões conhecidas, nascida sobre a modernidade. É que, segundo o princípio atrás enunciado da atemporalidade do espaço urbano presente, em História do Urbanismo não há roturas tão rele-

vantes como, por exemplo, na própria História da Urbanística.

Em paralelo com esse ultrapassar das balizas cronológicas assumiu-se uma outra transgressão, desta vez fronteiriça. Na realidade os fenómenos culturais não conhecem barreiras geopolíticas. O que acontece é que as ultrapassam transformando-se em função dos diversos contextos, assim se catalisando novas leituras, novas soluções e novos fenómenos que, por sua vez, seguem rumos diversos. De acordo com isso não seria curial isolar o estudo do urbanismo e da urbanística portugueses de outros universos, em especial daqueles que, em espaço e percurso, lhe são próximos, conjunturalmente coincidentes e/ou similares, como o hispânico.

Com maioria de razão, a essa interesseira generosidade transfronteiriça impôs-se correspondência interna. E foi assim que de forma orientada se investiu no retorno ao sulcar cruzado, do Oriente ao Ocidente, de todo o universo português do período cronológico em causa. É que a especialização, saudável indício de avanço científico, tem sempre em si o risco da perda da visão global. Na realidade, como é possível entender as opções urbanísticas e territoriais portuguesas para a América sem conhecer os seus imediatos precedentes a Oriente? Como compreender a quase estagnação da actividade de programação e acção sobre o espaço físico metropolitano sem ter presente o esforço então produzido além-mar?

Mas a tanta ambição derramada sobre espaço físico e cronológico tão alargado impunha-se ainda o incentivo à produção de conhecimento novo. Em ambiente de especialistas foi facilmente estabelecido que o conhecimento existente é do seu domínio comum, em especial após o esforço no sentido de se proporcionarem condições de referência e comunicação entre todos. Por isso, qualquer tema estudado, mas literalmente ausente, é matéria presente nos debates já pontualmente estabelecidos e que esta semana se generalizarão. Para tal contribuirá, espera-se, a utilização de um conjunto de procedimentos que, na sua essência, visam diminuir o tempo de apresentação dos trabalhos a favor do debate. É, simultaneamente, mais uma opção em favor da permanente abertura do Projecto a todos quantos nele se queiram integrar em qualquer momento.

Fica assim precipitadamente sumariado o balanço metodológico desta acção no início desta sua etapa fundamental. No entanto, importa ainda destacar o enriquecimento ético e, como tal, humano que

esta experiência de trabalho tem proporcionado. Por entre inúmeros problemas, algumas más-vontades, desconfianças e incompreensões, o resultado do desenvolvimento do trabalho em comunidade tem sempre imposto a sua mais-valia. São tantas as lacunas de conhecimento e as oportunidades de trabalho gratificantes!...

Por exemplo, ao longo do nosso curto caminho surgiram e apearam-se algumas propostas extremamente válidas: duas, pelo menos, com vista ao estabelecimento de ligações operativas e geograficamente solidárias entre o conhecimento disciplinar e a salvaguarda activa do património do universo urbanístico português; uma outra com vista à constituição de um grupo de trabalho polinucleado que inicie a produção de um manual aberto sobre o léxico e a metrologia. Para esta têm já nas vossas pastas o generoso contributo de um dos presentes. Aguardo pois o dia, que desejo próximo, em que ambas serão retomadas activamente.

É que, na realidade, neste colóquio espera-se que sejam identificados novos problemas e desafios à investigação e respectiva organização, até porque temos presentes muitos indivíduos cuja personalidade científica está em formação. No que diz respeito à organização, convém desde logo esclarecer o seguinte: pela sua própria natureza, a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses não poderá assegurar a continuidade; pelas suas próprias fraquezas e limitações o Comissariado Científico do Projecto também não. Aliás, foi sempre nossa preocupação apresentarmo-nos a prestar o serviço sem dele querer tirar mais proveito que os demais. Por isso, tendo-se inicial e necessariamente definido a metodologia, de imediato se partilharam as muitas decisões até hoje tomadas. É por isso que, com comprovada sinceridade, vos consideramos conselheiros e autores dos diversos itens que compõem o Projecto e é também nesta linha de pensamento que nos podemos congratular pelo surgimento de outras iniciativas disciplinarmente afins, independentes na orgânica, mas convergentes no movimento que entre todas se vai gerando. É que não se considere isto uma presunção de altruísmo, mas tão-só a responsabilização de todos pelo que assim se tem feito de bom e de mau. Daí que, perdoem-me a fraqueza, desde este momento até ao final do Colóquio o seu Comissariado Científico se considere suspenso para nele poder participar, usufruindo-o individualmente.

Para terminar – e não pela formalidade, mas porque a ética disciplinar mo impõe – cumpre aqui,

não só pelo reconhecimento mas essencialmente para a História futura, registar com muita justiça e prazer o nome daqueles que, excedendo com frequência a expectativa a que as funções obrigava, se revelaram como peças essenciais do quebra-cabeças em que a condução deste projecto, desde o início, se constituiu:

– pelo desafio e apoio pessoal desde o primeiro momento, o António Camões Gouveia, que, aliás, é inequivocamente co-autor da ideia; o Sr. Doutor António Hespanha, em quem de imediato encontrei o acolhimento e o encaminhamento dessa ideia, que então pôde passar a projecto pela mão do pequeno comissariado que comigo temerariamente aceitaram constituir a Renata Araujo e o Hélder Carita; e completando o pequeno grupo de pessoas que arcaram com as dificuldades e perplexidades iniciais, registre-se aqui a eficiência discreta da Maria Simões, nossa primeira coordenadora executiva;

– numa conjuntura institucional diversa e já com o processo em pleno desenvolvimento, foi a Sr.^a Doutora Mafalda Soares da Cunha quem, num conflito permanente entre a vontade e as possibilida-

des, directamente tutelou o Projecto; mas em paralelo, de um apoio institucional a uma posição que cada vez mais sinto como paternal, desenvolveu-se o acarinhamento do agora comissário-geral para as Comemorações dos Descobrimentos, Sr. Doutor Romero Magalhães; com um alto desempenho profissional, que, aliás, ronda o sacrifício pessoal, acompanha-nos desde então a nossa querida Maria Cecília Cameira, comissária executiva do Projecto; com ela a Fátima Lagarto e com todos nós a discreta e simpática equipa de retaguarda, essencial na produção deste evento, da qual, em honrosa representação dos restantes, destaco a Ana, a Alexandra e o Luís;

– por último a Xana, o Fernando e a (minha) Luz, pelo apoio, paciência e incentivo aos companheiros contemporaneamente ausentes nesse velho universo urbanístico português, o qual, quase por voto de celibato, todos professámos identificar, investigar e divulgar.

A todos um muito emocionado obrigado.

Walter Rossa

Índice

Nota explicativa	7	Teorías y planes, usos y costumes en la urbanística hispanoamericana	117
Discurso de abertura do comissário-geral da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses	9	<i>Alberto de Paula</i>	
<i>Joaquim Romero Magalhães</i>		Formação dos primeiros centros urbanos de Santiago de Cabo Verde: Ribeira Grande e Praia	131
Discurso de abertura do comissário do Projecto	11	<i>Carlos Carvalho</i>	
<i>Walter Rossa</i>		Análise das estruturas urbanas em África e especialmente na África Oriental entre os séculos VII e VIII e o impacte da Expansão portuguesa	139
Sessão I		<i>Gerhard Liesegang</i>	
A rede e as estruturas urbanas portuguesas antes da Expansão		Permanência e renovação da urbanística medieval portuguesa no Brasil	157
Apresentação	17	<i>Glenda Pereira da Cruz</i>	
<i>Maria Helena da Cruz Coelho</i>		Legislação e administração urbana no século XVI	171
A propriedade e o poder no espaço urbano quatrocentista	23	<i>Helder Carita</i>	
<i>Adelaide Millán da Costa</i>		Análise das estruturas e funções urbanas na África Ocidental antes da presença europeia	183
Fronteira e rede urbana: um aspecto da estratégia régia de consolidação do espaço do Portugal medievo	37	<i>Ilídio do Amaral</i>	
<i>Amélia Aguiar Andrade</i>		An interface of east and west: the Sri Lanka Cities of Mutual Heritage	197
Relação entre os concelhos e o espaço, segundo o <i>Corpus</i> Legislativo de Produção Local, na Idade Média	51	<i>Indrajith Dias Kuruppu</i>	
<i>Iria Gonçalves</i>		Dinâmicas urbanísticas do Porto no século XVI e início do século XVII – a colina da vitória como construção de uma cidade nova	201
Coimbra, «capital» do ducado do infante D. Pedro. Algumas questões em torno de uma possível intervenção urbanística	57	<i>José Ferrão Afonso</i>	
<i>Luisa Trindade</i>		Diu: Urban evolution	213
Relações entre poder local e poder central: aspectos de uma relação complexa	69	<i>José Noronha</i>	
<i>Maria da Conceição Falcão Ferreira</i>		Normas para a legislação urbana na cidade de São Paulo do século XVI ao XIX: reflexão e análise	223
O desenho da cidade: contribuição para o seu estudo	79	<i>Maria José Feitosa</i>	
<i>Marta Oliveira (coord.)</i>		Malaca: a evolução urbana ao tempo do domínio português	235
Contributos da arqueologia medieval para o conhecimento do processo urbanístico e territorial da passagem do Gharb al-Ándalus para o reino de Portugal	99	<i>Pedro Dias</i>	
<i>Santiago Macias e Cláudio Torres</i>		Estudo morfológico da cidade de São Tomé no contexto urbanístico das cidades insulares atlânticas de origem portuguesa	247
		<i>Teresa Madeira</i>	
Sessão II		Sessão III	
O espaço de um mundo novo no contexto da Expansão portuguesa		Teoria, método e praxis	
Apresentação	115	De quanto serve a Ciência do Desenho no serviço das obras de el-rei	267
<i>Paulo Varela Gomes</i>		<i>Beatriz Bueno</i>	

O estabelecimento da rede de cidades no Norte do Brasil durante o período filipino	283	As estruturas urbanas do Rio Grande do Sul no século XVIII e suas persistências	511
<i>Dora Alcântara e Cristovão Duarte</i>		<i>Luiz Fernando Rhoden</i>	
Geopolítica e produção da vida cotidiana no Rio de Janeiro colonial	299	Images of Goa	523
<i>Fania Fridman</i>		<i>Lurdes Bravo da Costa</i>	
Poder régio e poder concelhio na disputa pela administração do espaço urbano do Rio de Janeiro: séculos XVII e XVIII	321	Criação da rede urbana na Capitania da Bahia: século XVIII	533
<i>Maria Fernanda Bicalho</i>		<i>Maria Helena Ochi Flexor</i>	
Il disegno urbano della città portoghese nell' Oltreoceano: uno sguardo ai Trattati Italiani del Rinascimento	335	Vilas paulistas do século XVII	555
<i>Giuliana Finizio</i>		<i>Nestor Goulart Reis Filho</i>	
Condições sanitárias nas cidades brasileiras de fins do período colonial (1777-1822): teorias e práticas em debate	349	Rede urbana do Ceará no século XVIII: Icó, Aracati e Sobral	567
<i>Ivone Salgado</i>		<i>Romeu Duarte Junior</i>	
Instrumentos para a percepção do espaço da «escola portuguesa de urbanismo». Geometria prática	359	Diamantina	579
<i>José Luís Mota Menezes</i>		<i>Til Pestana</i>	
Visão de cidade e do território no período joanino: a acção do brigadeiro Alpoim	369	Sessão V	
<i>Margareth da Silva Pereira</i>		Análises tipológicas: programas, formas e vivências	
Espaço urbano no recinto fortificado do século XVII: a teoria e a prática	383	Apresentação	595
<i>Margarida Valla</i>		<i>Nuno Portas</i>	
Os engenheiros-mores na gestão do Império: a Provedoria das Obras dos meados do século XVI	393	La ciudad en la praxis hispanoamericana	599
<i>Rui Carita</i>		<i>Alberto Nicolini</i>	
Sessão IV		A influência do porto na formação e configuração das cidades cabo-verdianas: Ribeira Grande, Praia e Mindelo	615
Cidades e redes urbanas		<i>António Leão Correia e Silva e Fernando Pires</i>	
Ilha de Marajó – território dos aruãs	409	Os sistemas urbanísticos de Alcântara e São Luís do Maranhão	621
<i>Ana Cristina Braga</i>		<i>Deusdedit Carneiro Leite Filho</i>	
São Luís e Alcântara na estratégia território-colonial	415	As cidades e as reduções jesuíticas dos guaranis. O traçado reticular como vestígio das diretrizes urbanas espanhola e luso-brasileira	631
<i>Ananias Alves Martins</i>		<i>Gilberto Sarkis Yunes</i>	
Evolution of Margão town in Goa through Portuguese era (1510-1961 AD)	425	Slaves in the urban structure of Indo-Portuguese cities	639
<i>Ashish K. Rege</i>		<i>Jeanette Pinto</i>	
Marajó: território e formação urbana colonial	435	Forma urbana no Brasil – uma amostragem de casos-tipo	651
<i>Edilson Nazaré Dias Motta</i>		<i>José Pessoa</i>	
Rio de Janeiro. La città e il territorio	447	Elaboração de uma base de dados sobre as estruturas urbanas da Expansão – aplicação à análise de alguns espaços urbanos de influência portuguesa na Índia	661
<i>Giovanna Rosso Del Brenna</i>		<i>José Manuel Fernandes</i>	
A cidade capital e o conceito moderno de espaço urbano: Lisboa, Paris e Londres	461	Arruar e atravessar: a estruturação de nossa cidade	669
<i>Helena Murteira</i>		<i>Murillo Marx</i>	
O estabelecimento de povoações ao longo do rio Kwanza	473	A contribuição mudejar à configuração da cidade colonial brasileira	681
<i>Isabel Martins</i>		<i>Paulo Ormino de Azevedo</i>	
As cidades da rede de defesa interna da Amazônia. Óbidos, Santarém e Manaus	481	Ouro Preto, concretização do espaço existencial barroco nas Minas Gerais dos séculos XVII e XVIII	709
<i>Jussara da Silveira Derenji</i>		<i>Pedro Alcântara</i>	
A cidade de Bragança na época moderna. Defesas e constrangimentos sobre o tecido urbano	497	The city of Goa as «civilization»: a critique of urban systems and life in the 16 th -18 th centuries	717
<i>Luís Alexandre Rodrigues</i>		<i>Pratima Kamat</i>	
		Urbanismos alternativos en la Hispanoamérica colonial	733
		<i>Ramón Gutiérrez</i>	

Sessão VI

Cultura do território

Apresentação	749	Configurando a praça de guerra: o espaço urbano no sistema defensivo da fronteira portuguesa (primeiras impressões para os séculos XVII e XVIII)	825
<i>Walter Rossa</i>		<i>Margarida Tavares da Conceição</i>	
Território de fronteira: adaptación, trazado y estructuras en la raya española	751	A cidade na «África Portuguesa». Século XIX – primeira síntese	841
<i>Antonio-José Campesino Fernández</i>		<i>Maria de Lurdes Janeiro e José Manuel Fernandes</i>	
As vilas e os territórios: processos de formação e evolução da rede urbana na capitania de Minas Gerais	769	From Bassein to Bombay: territory, colony and property (c. 1530-1830)	855
<i>Cláudia Damasceno Fonseca</i>		<i>Mariam Dossal</i>	
A imagem desenhada como testemunho dos critérios de apropriação do território. As cidades da Ribeira Grande e de Praia nas ilhas de Cabo Verde	787	La red de estructuras urbanas en las fronteras de Sudamérica	867
<i>Helena Albuquerque</i>		<i>Ramón Gutiérrez</i>	
The Goan territory of Salcete and the jesuits: defence and structuring	799	Lisboa Mariana: adequação e crítica do pombalino	879
<i>J. Velínkar S. J.</i>		<i>Raquel Henriques da Silva</i>	
Anotações sobre a ocupação do território na ilha de Santa Catarina e a evolução urbana da cidade de Florianópolis, Brasil	809	A fronteira a ocidente: o Mato Grosso	887
<i>Lisete Assen de Oliveira</i>		<i>Renata Araújo</i>	
		Military engineering and the «Colonial» project for Brazil: agency and dominance	905
		<i>Roberta Marx Delson</i>	
		Siglas e abreviaturas	919
		Notas curriculares	921